

Deuses da Árvore da Vida

Trabalhando com os 72 Gênios Cabalísticos

Os Segredos dos Elohim

Jorge Puente

Campinas, 2023

Copyright © 2023 Jorge Puente

Todos os direitos reservados.

Isenção de responsabilidade:

O conteúdo deste livro é baseado em experiências e conjecturas pessoais e deve ser considerado especulação e não como aconselhamento profissional, médico ou pessoal. Os conceitos e práticas aqui apresentados devem ser usados por sua conta e risco, o autor não é responsável pelas experiências que você obtém ao trabalhar com os métodos apresentados. Fica aqui declarado de forma clara e completa que o autor não sugere nem tolera que você aja de forma que possa causar danos. Este conteúdo é fornecido com o entendimento de que os materiais sejam usados de acordo com as leis de qualquer país em que esteja presente.

Índice

Introdução: Minha experiência com os Gênios Cabalísticos	13
Capítulo 1: A origem dos Nomes sagrados	17
Capítulo 2: O Mundo espiritual na Antiguidade.....	21
Capítulo 3: Mas, afinal, o que são os Gênios da Cabala?	27
Capítulo 4: A Árvore da Vida e os Gênios cabalísticos	31
A Árvore da Vida	33
O Gênio Contrário.....	34
Capítulo 5: Dúvidas frequentes	37
As ilustrações dos Elohim	43
Capítulo 6: Trabalhando com os 72 Elohim da Kabbalah.....	45
As ferramentas de trabalho	46
Proteção.....	51
O Ritual	53
Como vamos trabalhar?.....	53
Capítulo 7: O Elohim Pessoal.....	57
Ritual de Ancoragem do Elohim Pessoal.....	58
Os Gênios da Humanidade	59

Os 72 Elohim da Árvore da Vida

Kether: 1 Corte dos Sêrafins.....	63
1 – Vêhuiah.....	65
2 – Iêliel.....	69
3 – Sitael.....	73
4 – Elêmiah.....	77
5 – Mahashiah.....	81
6 – Lêlahel.....	85
7 – Acaiah.....	89
8 – Cahêthel.....	93
 Chokmah: 1 Corte dos Querubins.....	 97
9 – Haziêl.....	99
10 – Aladiah.....	103
11 – Laoviah.....	107
12 – Hahaiah.....	111
13 – Iêzael.....	115

14 – Məbahəl.....	119
15 – Həriəl.....	123
16 – Həkamiah.....	127
 Binah: A Cortç dos Tronos	 131
17 – Lauviah.....	133
18 – Caliel.....	137
19 – Ləuviah	141
20 – Pahaliah	145
21 – Nəlkaəl.....	149
23 – Mələhəl	157
24 – Khahuiah	161
 Chəsəd: A Cortç dos Domínios.....	 165
25 – Nith Haiah	167
26 - Haaiah.....	171
27 – Iərathəl.....	175
28 – Šhəhçiah.....	179
29 - Rəiiəl	183

30 - Omaq̃l.....	187
31 - Łęcabęł.....	191
32 - Ũshariah.....	195
Gęburah: Ȧ Cortę das Potęstades	199
33 - lęhuiah.....	201
34 - Łęhahiah	205
35 - Kęvakiah.....	209
36 - Męnadęł.....	213
37 - Ȧnięł.....	217
38 - Kęhaamiah.....	221
39 - Ręhęł.....	225
40 - lęiazęł	229
Tiphęręth: Ȧ Cortę das Virtudes	233
41 – Ȧhahęł	235
42 - Miķęł	239
43 – Vęualiah.....	243
44 - lęlahiah.....	247

45 - Šəliah	251
46 - Əriql	255
47 - Əshahiah.....	259
48 - Mihəql	263
 Nətzach: Ə Cortə dos Principados.....	267
49 - Vəhuql	269
50 - Əniql.....	273
51 - Əkhashiah	277
52 - Imamah.....	281
53 - Nanaql	285
54 - Nithəql.....	289
55 - Məbahiah.....	293
56 - Poql	297
 Hod: Ə Cortə dos Ərcanjos.....	301
57 - Nəmahiah.....	303
58 - İəialql.....	307
59 - Əarakhql	311

60 - Mitzragl	315
61 - Umbagl	319
62- Iahahgl	323
63 - Tnaugl	327
64 - Məkhigl	331
Yəsod: A Cortç dos Anjos	335
65 - Damabiah	337
66 - Manakgl	341
67 - Ėiağl	345
68 - Khabuiah	349
69 - Rahgl	353
70 - Ibamiah	357
71 - Haiaigl	361
72 - Mumiah	365
O Próximo passo	369

Apêndice 1: Especialidades dos 72 Elohim.....	371
Apêndice 2: Datas de Regência dos 72 Elohim.....	379
Apêndice 3: Tabela dos Gênios Cabalísticos de Athanasius Kircher (extraída do livro O Edipus Aegypticus).	383

Introdução: Minha experiência com os Gênios Cabalísticos

Quando se fala de Gênios Cabalísticos, ou Anjos Cabalísticos, pouca coisa é dita a respeito da origem deles. Temos algumas informações sobre o lugar onde se originam os nomes destes seres admiráveis, os poderes que eles têm para modificar a realidade e, em alguns casos, as experiências das pessoas que entraram em contato com eles. Mas não tem muito mais do que isso.

Neste livro vamos aprofundar mais no tema das origens dos Gênios da Cabala, assim como também vamos revelar a verdadeira natureza deles entendendo, por fim, por que são tão poderosos. Mas ao igual que já fiz em outros livros, vamos começar falando um pouco sobre a minha própria experiência com os Gênios Cabalísticos.

Corria o ano de 1994 e, para esse momento, a minha vida tinha ficado de ponta cabeça durante bastante tempo. Porém nesse ano as coisas mudaram. Comecei trabalhar numa grande rede de ensino e a minha vida deu uma boa estabilizada. À medida que os meses se passavam, fui conhecendo pessoas maravilhosas. Uma delas foi a minha terceira Mestra, que chegou sob a aparência de uma simples aluna do curso de idiomas. Quando as aulas terminavam, era comum que ficássemos conversando sobre temas esotéricos, místicos ou sobre magia. O ano letivo continuou avançando e nós continuávamos tomando café depois da aula, na lanchonete da escola, com ela sempre me transmitindo conhecimentos que não eram fáceis de achar (vamos considerar que, nesse momento, não existia internet). Até que um dia, numa conversa, ela me perguntou se eu tinha

lido o livro da Monica Buonfiglio, o famoso “Anjos Cabalísticos”. Eu disse que não. Realmente, naquele momento, desconhecia por completo a existência desses seres. Ela sorriu e me disse para conseguir um exemplar do livro, porque iríamos trabalhar com ele, e foi embora. E eu saí direto para a livraria, onde achei o livro. Mesmo estando numa situação apertada naquela época, o comprei. Voltei para casa, cheio de expectativas... e não fiquei desapontado. Porque os seres descritos no livro eram tudo o que minha mestra tinha descrito... e mais. Imediatamente localizei o meu Anjo, Vehuel, e decidi fazer o ritual de ancoragem descrito no texto. O ritual levava sete velas coloridas, então fui ao centro da cidade e, numa loja de Umbanda, adquirei o material necessário. Voltei para casa e, entre ansioso e cético, comecei o ritual. Já no primeiro dia senti a poderosa presença do Anjo. Segui em frente com as outras velas. Elas queimaram com grande intensidade, como indicando que a conexão tinha sido estabelecida, e era uma conexão poderosa. Sucesso!

A partir daí comecei trabalhar com estes seres incríveis. Não tinha muita informação sobre eles, a não ser as grandes descrições de cada um dos Gênios que estavam no livro. Porém, as origens e a natureza deles permaneciam escuras. Mas isso não importava para mim nesse momento, porque o sistema funcionava maravilhosamente.

O sistema dos Gênios da Cabala foi o primeiro sistema mágico com o qual trabalhei, e um dos mais satisfatórios. Depois dele vieram outros, como o Sistema de Abramelin, a magia Enochiana, Thelema, Goetia, Magia do Caos..., mas nunca esquecemos o primeiro amor, certo? É por isso que você tem este livro em suas mãos. Já falamos de Anjos, já falamos de Demônios... agora vamos falar dos primeiros seres que conheci no Mundo Mágico, e que me ajudaram a

Jorge Puente

ser quem sou hoje. Vamos falar dos Gênios da Cabala. Venha comigo...

Capítulo 1: A origem dos Nomes sagrados

Os chamados “Gênios Cabalísticos” ou “Anjos Cabalísticos” são grupo de 72 seres, cujos nomes originam-se em três versículos do livro do Êxodo (14:19–21). Quando as letras nas escrituras são organizadas de acordo com um procedimento especial, chamado boustrofedon (leitura com direção alternada), produzem os famosos 72 Nomes de Deus. Os nomes dos 72 anjos são também chamados de Shem haMephorash, embora este termo também englobe outros “nomes sagrados”, tais como o Nome de 4 letras (Tetragrammaton), o nome de 12 letras, o Nome de 22 letras ou o Nome de 42 letras.

והו	ילי	סיט	עלם	מהש	ללה	אכא	כהת
הוי	אלד	לאו	ההע	יזל	מבה	הרי	הקם
לאו	כלי	ליו	פהל	זלך	ייו	מלה	זזהו
נתה	האא	ירת	שאה	ריי	אום	לכב	ישר
יזוז	להוז	כוק	מנד	אני	זועם	רהע	ייו
ההה	מיכ	וול	ילה	סאל	ערי	עשל	מיה
והו	דני	הוזש	עמם	ננא	נית	מבה	פוי
נזום	ייל	הרוז	מזר	ומב	יהה	עזו	מוזוי
דמב	בנק	איע	זזבו	ראה	יבמו	היי	מום

O conhecimento dos 72 Nomes de Deus, dos quais posteriormente se derivaram esses 72 Anjos Cabalísticos, existe há mais de três mil anos. Aproximadamente 500 anos atrás, um humanista católico alemão, estudioso de grego e hebraico, chamado Johann Reuchlin (1455 - 1522), expôs em seu livro *De Arte Cabalistica* seu método de adicionar os sufixos “El” ou “Iah” (que são nomes divinos que se traduzem aproximadamente como “de Deus”) ao final dos 72 Nomes de Deus. Reuchlin também imprimiu uma tabela de versículos dos Salmos, um para cada um dos 72 nomes de Deus, exceto para o 70º nome, que é dado no primeiro versículo de Gênesis. A lógica por trás deste sistema de correspondências é que cada um dos 72 Seres divinos recebe um versículo que contém as 4 letras do nome de Deus (YHWH), assim como as três letras do próprio nome. Se o nome contiver Yod, Heh ou Vau, eles deverão aparecer em algum lugar junto ao nome de 4 letras. O 70º nome recebe o primeiro versículo de Gênesis, que não contém as 4 letras do nome de Deus, mas contém as três letras do 70º nome. Não fica claro qual foi a fonte da qual Reuchlin extraiu tal conhecimento, mas tais conexões dos versículos dos Salmos com os 72 Nome de Deus já existiam em fontes judaicas, especificamente no *Sepher Shaarey Tzion* (Livro dos Portões de Sião).

A obra de Reuchlin influenciou grandes estudiosos do misticismo, como Heinrich Cornelius Agrippa (1486–1535) e Athanasius Kircher (1602–1680). Este último escreveu vários livros, entre os quais destaca *Oedipus Aegypticus*. Dentro deste livro existe uma parte chamada *Cabala Hebreorum*, na qual Kircher descreve os nomes de muitos Anjos, como os que formam o Nome de 42 Letras e, mais para frente, ele cita os 72 Gênios da Cabala. Nesta obra ele dá um atributo em latim para cada anjo. Assim, ele atribui a cada Anjo uma função específica (*Adorandus*, *Exaltandus*, *Refugium*, etc.) e

um versículo dos Salmos, dando uma indicação mais clara dos poderes de cada um deles. Esta é outra referência que temos aos poderes dos anjos. Kircher cria uma tabela onde, por primeira vez, vemos os anjos associados às Sephirot da Árvore da Vida.

A partir daí se passaram mais de 200 anos até a chegada de um homem chamado Lazare Lenain (1793 - 1877), quem elaborou um sistema para ordenar os nomes dos 72 anjos segundo os graus do zodíaco. Ele descreve seu sistema em seu livro chamado A Ciência da Kabbalah (que já foi publicado em português). Com base nesses graus zodiacais, e na obra de Kircher, Lazare Lenain definiu os poderes que se acreditava que cada anjo possuía. Desde então, os ocultistas têm usado sem questionar os poderes e atribuições que Lenain descreveu.

Mas claro, tudo isto nos diz de onde vêm os nomes dos Gênios Cabalísticos, mas não nos diz nada a respeito da natureza deles. São Anjos? Ou são algo diferente? Nos próximos capítulos vamos nos concentrar em desvendar esse mistério. Mas para isso precisamos entender como funcionava o mundo antigo, milhares de anos atrás...

Capítulo 2: O Mundo espiritual na Antiguidade

Se você conhece o meu trabalho, o próximo capítulo vai ser fácil de entender. Mas caso você não esteja familiarizado(a) com ele, vai precisar uma breve explicação de como funcionam as coisas no mundo espiritual, segundo os textos antigos. E quando digo “antigos” estou me referindo a textos de 3.000 ou 4.000 (ou mais) anos de antiguidade.

A primeira coisa que temos que entender é que, como quase todos nós crescemos imersos numa sociedade monoteísta, nos resulta difícil entender como funcionam sociedades diferentes, onde existem muitas deidades. Costumamos considerar essas sociedades “atrasadas” ou “idólatras”, e as desprezamos, como se fossem “pouco evoluídas”. Nos ensinaram que o monoteísmo é o “pico da evolução”, que estamos sobre todas essas pessoas que acreditam em falsos ídolos, que não entendem que existe um “único deus verdadeiro”. Em realidade, o conceito do “deus único” termina sendo só uma barreira que nos impede de ver o verdadeiro funcionamento do chamado “mundo espiritual”.

A segunda coisa a considerar é que, devido a séculos de condicionamento, quase todos nós pensamos em “Deus” e os “anjos” como sendo entidades “espirituais”, energéticas, pura luz sem um corpo físico, sem emoções (a não ser o amor), sem atributos marcados. Por isso os deuses antigos, bem antropomórficos, cheios de poder, mas também de paixões e falhas, nos resultam esquisitos, e tendemos a

rejeitá-los. Na nossa cabeça cristã, é impossível que um “deus” possa errar, ou ser ruim ou, muito menos, morrer.

Mas quando lemos o Antigo Testamento (a Torah) de forma literal, e não como se fosse uma coleção de relatos míticos, deixando de lado a doutrinação monoteísta, descobrimos uma realidade bem diferente. O texto está cheio de seres divinos de diversos tipos, muito poderosos, mas não necessariamente “espirituais”, no sentido que nós damos ao termo na atualidade. Uma análise aprofundada deste tema escapa ao escopo deste livro, mas para quem tiver interesse recomendo a obra de Mauro Biglino, antigo tradutor do Vaticano, a do Rev. Paul Wallis ou a de Matthew LaCroix. Aqui vamos fazer um breve resumo destes seres divinos, para poder entender onde se encaixam os Gênios da Cabala.

A primeira coisa que temos que definir aqui é a estrutura destes “seres espirituais”. Assim, segundo os textos antigos, tais como a Torah, ou o Enuma Elish, o épico babilônico, podemos dividir a plêiade de seres espirituais em três grandes grupos. Usaremos os termos hebraicos aqui, para simplificar, mas temos que lembrar que esta classificação vale para quase todos os panteões espirituais do planeta.

- O primeiro grupo são os Deuses, que na Torah são definidos pelo termo Elohim. Por exemplo, Kamosh, Elohim de Moab, Milcom, Elohim dos Amonitas. A palavra Elohim também definia ao deus dos israelitas: Yahweh, Elohim de Israel. Não se conhece o significado exato do termo Elohim, mas parece ser algo como “Poderosos”. Assim, a palavra Elohim, no Antigo Testamento faz referência uma categoria de Deuses nobres. Se lermos com atenção, e deixando de lado os conceitos monoteístas, percebemos que os Elohim parecem ter uma Assembleia, presidida por uma entidade

suprema. O nome dado a essa entidade, no Antigo Testamento, é Elyon (que em hebraico significa “o mais alto, o que está por cima de todos”). Esta assembleia está relacionada com o nome bíblico “seba hassamayim”, que significa algo assim como “A Armada dos Céus” ou “O Conselho dos Céus”. Já nos textos sumérios e babilônicos, o comando supremo da Assembleia (e do planeta) corresponde a Anu, senhor dos Anunnaki, junto com seus dois filhos, Enlil e Enki. O paralelismo é bastante evidente, e não existe só com os sumérios. Essa assembleia ou terna de poder existe também entre os deuses gregos (Zeus, Poseidon e Hades), no panteão egípcio (Rá, Osíris e Seth), e em muitas outras mitologias antigas (aqui temos que destacar que alguns pesquisadores pensam que Elyon pode ser o nome em hebraico para Anu (ou seja, Elyon e Anu seriam o mesmo ser), enquanto outros acham que o termo Elyon representa o grande Triunvirato, ou seja, Anu, Enlil e Enki).

- O segundo grupo é formado pelos Guerreiros e Mensageiros, que na Torah (Antigo Testamento) são chamados Malachim (o singular é Malach). Nós os conhecemos como “Anjos”, termo derivado do grego “ângelos”, que foi usado na Septuaginta (a Torah traduzida para o grego). Eles cumprem diferentes funções, como a de combate, como quando um Malach destrói o exército da Assíria, ou de punição, como o Malach que extermina os primogênitos do Egito, ou os Malachim que levam a cabo o massacre de Jerusalém, descrito no Livro de Ezequiel. Mas além desta função de combate, os Malachim também podem ser mensageiros, curadores, como no caso de Rafael, ou salvadores, como o anjo que detém a mão de Abraão quando ia sacrificar seu filho. Em combate, eles costumam enfrentar outros Malachim, como quando o Príncipe Miguel (Protetor de Israel) enfrenta o Príncipe da Pérsia, ou seja, o Malach que

defendia os persas. Os Malachim são extremamente versáteis, e já falamos de alguns deles tanto nos nossos cursos quanto no livro “Magia Angelical Antiga”.

- O terceiro grupo descrito na Torah são os Shedim. Estes seres parecem ocupar o lugar que em outras culturas seria equivalente a “semideuses”. São claramente superiores ao ser humano, mas obedecem aos Elohim e aos Malachim.

Quando se implantou o monoteísmo, a Assembleia Suprema (Seba hassamayim), assim como todos estes seres, foram banidos, e toda esta riqueza de informação se perdeu. Os Elohim diferentes de Yahweh foram considerados “ídolos de pedra” ou “falsos deuses”. Os Malachim quase desapareceram dos livros, ficando reduzidos a uns poucos anjos com identidade, como Miguel, Rafael e Gabriel, e um grande exército de seres anônimos, sem rosto, que só obedecem a Deus. Embora tivéssemos os nomes de muitos deles, ninguém mais voltou a chamá-los, até pouco tempo atrás. E no caso dos Shedim... bom, eles levaram a pior parte, porque são os que, nas traduções modernas, foram denominados “demônios”.

Mas antigamente todos estes seres interagiam conosco, um verdadeiro universo de deuses, anjos e semideuses. Só que temos que entender que estes seres divinos eram bem físicos. Basta ler os relatos antigos, como quando Yahweh chega até a tenda de Abraão, com os dois “anjos”, onde comem e bebem com o patriarca. Ou quando esses dois acompanhantes de “Deus” vão para Sodoma, e tem que ser protegidos por Lot de uma multidão de pessoas. Podemos considerar também o caso do anjo que luta com Jacob... e é derrotado. No Enuma Elish o aspecto material desses seres fica mais evidente.

Elohim é singular ou plural?

Antes de continuar, vamos aclarar uma das maiores dúvidas, que gira em torno do termo “Elohim”. Isso porque, com a implantação do monoteísmo, essa palavra deveria representar, sem sombra de dúvida, a Deus, o deus único. Então o que acabo de descrever no ponto anterior pode causar um certo desconforto naqueles que, desde criança, estiveram acostumados a usar esta palavra para definir ao Deus único dos cristãos e dos judeus.

O primeiro problema aparece quando percebemos que a palavra Elohim é um plural. Os dois singulares dela são “El” e “Eloha”, nomes que também representariam a Deus no antigo testamento. Mas se Deus é único, por que temos palavras em singular e plural para se referir a ele? Para responder a esta pergunta já foram dadas, ao longo da história, várias respostas. A mais comum é dizer que Elohim é um “plural de majestosidade”, como dizendo que Deus é tão grande que um termo singular não serve para ele. Mas se isso é assim, por que existem as palavras em singular para se referir a ele, e a outros deuses estrangeiros, ao longo do Antigo Testamento? Isto parece ser um enigma...

O segundo problema é que em várias passagens do Antigo Testamento, Deus fala em plural. Aqui as respostas mais comuns costumam ser que ele fala em plural devido à sua grande majestade (o famoso “plural majestático” que mencionamos antes) ou que ele está falando com os anjos. Os inconvenientes destas respostas são óbvios e não vou me estender muito sobre eles.

A solução deste aparente enigma é aplicar o que já vimos na seção anterior. Ou seja, reconhecer que Elohim é

uma palavra plural que define a toda uma série de “deuses” os quais, em conjunto, governam a Terra. Quando aplicamos este conceito, as aparentes contradições no Antigo Testamento desaparecem. Entendemos que o termo “Elohim” se aplica a todos os “deuses” descritos no texto, os quais, de forma individual, são muitas vezes descritos pelos termos singulares “El” ou “Eloha”.

Agora, sabendo tudo isso, onde poderíamos colocar os Gênios da Cabala dentro deste esquema?

Capítulo 3: Mas, afinal, o que são os Gênios da Cabala?

O grande interrogante no que respeita aos nossos 72 Gênios da Cabala é: “O que eles são, realmente”? São anjos? Ou são algo diferente? Por que algumas pessoas chamam de “Nomes” de Deus? De cara, podemos ver que até agora nunca conseguimos definir a que grupo de seres divinos eles pertencem. Mas alguém poderia perguntar: Por que nos preocupar com isso? Até agora trabalhamos bem com eles, ainda que a gente não saiba exatamente o que são...

Mesmo que até agora a gente tenha trabalhado com os 72 Gênios sem conhecer exatamente a que grupo de que grupo de seres divinos eles fazem parte, todos sabemos que os resultados de um trabalho mágico são bem melhores quando conhecemos com precisão as características e a natureza de um ser espiritual.

Então, para averiguar que são os 72 Gênios, usaremos duas abordagens diferentes que, no final, nos levarão ao mesmo resultado.

Em primeiro lugar, se vamos para a definição original, ou seja, os “72 Nomes de Deus”, e levamos em consideração a palavra que define “Deus” em hebraico, que é o idioma no qual a Torah está escrita, veremos que ela fica “72 Nomes de Elohim”. Só com isso, e usando o que foi dito antes, já bastaria para nos dar uma ideia clara do que eles são, mas vamos aprofundar um pouco mais no tema.

Existem pessoas que pensam que eles são 72 “emanações” de Deus. Ou seja, a partir de um Deus que é tudo energia, 72 emanações formam “canais de

comunicação” separados, com características específicas. Mas ao revisar os textos antigos, entre eles o Antigo Testamento, percebemos que, tal como dissemos no capítulo anterior, os Elohim, assim como os Malachim e os Shedim, sempre foram bem físicos (por exemplo, tanto El Shadday na passagem de Sodoma e Gomorra quanto o Anjo que aparece para Gideão, comem e bebem). Podem ser considerados deuses por causa dos seus poderes, mas sempre foram seres materiais. A grande confusão surgiu quando se implantou o monoteísmo. Se deus é único, como poderiam existir outros seres divinos que comandassem os anjos? A resposta foi dizer que esses outros seres eram “emanações” de Deus, partes dele, “nomes” dele. Quando saímos da visão monoteísta, essa situação se resolve instantaneamente.

Em segundo lugar, temos que considerar que em certos textos cabalísticos internos é falado claramente que “os Nomes de 3 letras comandam os Malachim”. Incluso são dadas as combinações de vários “nomes de 3 letras” e dos anjos que eles comandam. E fica claro que estes seres, os “Nomes de 3 letras”, NÃO são Malachim. E fora um Príncipe (a maior patente dentro dos exércitos do Céu) o único ser que pode comandar os Malachim é um Elohim.

Com tudo isto fica claro que os 72 Gênios da Cabala são realmente Elohim, ou seja, pertencem à casta de comando. Claro que é visível, pelas atribuições deles, que pertencem a um nível menor que aquele no qual estão os grandes Elohim, como Isis, Osiris, Zeus, Baal, Kamosh, Enki, Odin, Yahweh, e tantos outros Custódios mencionados nas diferentes mitologias ao redor do mundo. Em um sistema politeísta estes seres seriam considerados “deuses menores”. Mas não nos deixemos enganar pelo termo “menores”. São Elohim e, portanto, pertencem à classe dominante dos Anunnaki. Isso implica que seus poderes são imensos. Ao ler os textos

antigos, percebemos que estes deuses menores comandam os anjos e orientam todas as atividades humanas. Seu poder e influência se estendem desde o nível social até o nível pessoal, organizando e impulsionando o dia a dia de homens e mulheres. Organizam desde governos até famílias. Mantém dinastias nos tronos e protegem países. São, sem dúvida, alguns dos seres mais poderosos que temos no comando do planeta.

Portanto, a partir deste ponto usaremos os termos “Gênio”, “Elohim”, “El” e “Eloha”, para nos referir aos 72 Seres divinos da Kabbalah.

Capítulo 4: A Árvore da Vida e os Gênios cabalísticos

Claro que, a esta altura, qualquer um que conheça um pouco do tema pode estar com a seguinte dúvida: “Se os Gênios cabalísticos são em realidade deuses menores, por que eles são chamados de “anjos cabalísticos”? Em realidade, o termo “anjo” é usado nos textos modernos. Antigamente as palavras para defini-los eram “Nome” ou “Gênio”. Com isso ficava claro que eram seres divinos, mas que não eram anjos (embora não ficasse claro o que eles eram). Mas para aprofundar nessa questão, vamos analisar a Árvore da Vida e os anjos a ela atribuídos.

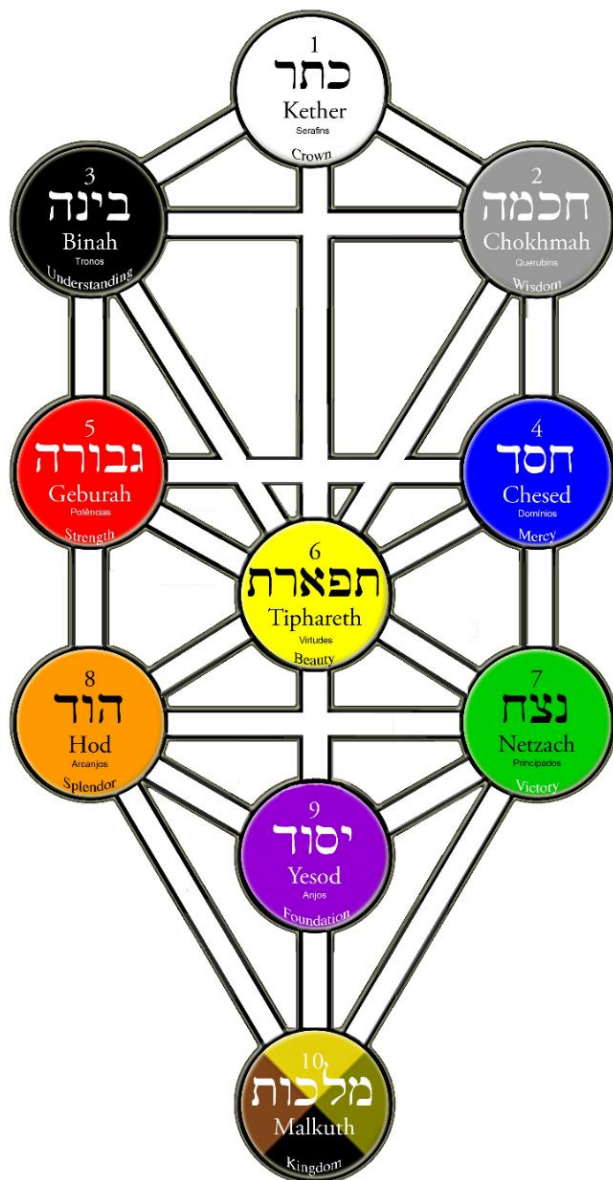
A Árvore da Vida é o glifo central da Kabbalah. Ela tem 10 Séfiras, que em conjunto são chamadas de Sefirot. Segundo a tradição, tanto hebraica quanto cristã, cada Séfira tem um grupo de anjos que pertencem a ela. Na seguinte tabela temos os nomes desses grupos de anjos.

Séfira	Nome dos anjos (Cabala Cristã)	Nome dos anjos (Kabbalah hebraica)
Kether	Serafins	Serafim
Chokhmah	Querubins	Cherubim
Binah	Tronos	Ofanim
Chesed	Domínios	Shinanim

Geburah	Potências	Tarshishim
Tiphereth	Virtudes	Chasmalim
Netzach	Principados	Malachim
Hod	Arcanjos	Bene Elohim
Yesod	Anjos	Ishim
Malkuth	-----	Arelim

Como podemos ver, os nomes mudam muito entre a Kabbalah hebraica e a Cabala Cristã, além de que nesta última não existem anjos para a Séfira Malkuth. Agora bem, se considerarmos os 72 Gênios cabalísticos como anjos, isso indicaria que só existem 8 Serafins, 8 Querubins, 8 Tronos... e assim por diante. E isso é muito difícil de aceitar, já que, segundo antigos textos cabalísticos e a mesma Torah, existem milhares de anjos. É muito mais lógico considerar os Gênios cabalísticos como comandantes dos anjos de cada Séfira, o que é declarado nos textos cabalísticos internos quando dizem (como mencionamos antes) que “os Nomes de três letras comandam os anjos da Séfira deles”. Assim, podemos ver que estes Elohim formam, em cada Séfira, uma “Corte” que comanda as ações dos Anjos e, de igual forma, dos seres humanos que estão sob a influência deles.

A Árvore da Vida



O Gênio Contrário

O gênio contrário é um dos temas mais misteriosos no que se refere aos Gênios da Kabbalah, apesar de que, na maior parte das vezes que aparece, ele só tem algumas poucas linhas no final do texto. Este “ser” desperta a maior curiosidade, porque é como se fossem 2 elohim, um bom e um mau, e você pode cair na influência de um ou do outro.

Em realidade o Gênio contrário é um conceito medieval, que nada tem a ver com a forma dos antigos rabinos de tratar com estes seres. Na Idade média, no auge do Cristianismo, consolidou-se a ideia da dualidade “Luz x Trevas”. Portanto, se existiam 72 entidades da luz (os Gênios), obrigatoriamente deveriam existir 72 entidades das trevas. Muito possivelmente foi dessa forma que surgiram os 72 “demônios” goéticos. Na obra do Dr. Rudd ele os coloca em contraposição direta com os Gênios cabalísticos, e sendo controlados por eles. Mas os 72 “demônios” goéticos foram escolhidos entre um número bem maior de seres que eram descritos nas obras de demonologia da época. Claramente, foi uma tentativa de achar a famosa “contraparte escura” dos 72 Gênios cabalísticos. O conceito do gênio contrário volta a aparecer na obra de Lenain, no século XIX, e a partir daí ele se consolida. Mas será que é só isso?

Possivelmente não. Todos os que entraram em contato com algum Elohim sabem da enorme quantidade de energia que esses seres têm. E sabemos que eles não são necessariamente seres de luz. Igual a nós, eles são seres duais: carregam luz e escuridão dentro deles. Basta ver o comportamento deles ao longo da história para corroborar isso. Quando a energia de um Elohim entra em contato

conosco, ativa todos os nossos corpos energéticos. Ou seja, além do corpo físico, os corpos emocional e mental são carregados com a energia dual dele (ou dela). E é nesse ponto onde aparece o “gênio contrário”, porque no momento da ativação dos corpos energéticos, as características agressivas do Elohim vão ressoar com as nossas. E a partir daí pode surgir um monstro.

Temos que lembrar, sempre, que quando nos conectamos com um Elohim, ganhamos um poder incrível. A partir desse momento, o que nós fizemos com esse poder já é da nossa responsabilidade. Talvez por isso o Lenain escolheu colocar uma advertência, para que quando nós, já carregados com a energia do Ser divino, sintamos o desejo de fazer algo errado, cruel ou desonesto, entendamos que o poder desenvolvido em nós por esse contato está despertando o pior que levamos dentro. A partir desse ponto se abrem dois caminhos à nossa frente. Qual versão do Elohim vamos encarnar? Seremos a versão luminosa dele? Ou encarnaremos as qualidades mais escuras? Os Elohim sempre deixam essa escolha nas nossas mãos...

Capítulo 5: Dúvidas frequentes

A pronúncia dos Nomes Sagrados

Uma pergunta que muitos podem fazer é: Por que não usamos a vocalização dos Nomes dos Gênios neste livro? Muitos autores modernos o fazem. Eles chamam o Gênio pronunciando ou cantando o nome dele em voz alta. Eu escolhi não usar esse método aqui porque um dos problemas que temos com o hebraico antigo é a ausência de vogais nos textos. Ou seja, quando lemos um texto em hebraico antigo, só temos as consoantes e, a maior parte das vezes, temos que “adivinhar” as vogais. É por esse motivo que temos tantas pronúncias para o Tetragrammaton, o Nome de 4 Letras de Deus. Só temos as quatro consoantes, então podemos completar as vogais do jeito que quisermos... e o mesmo acontece com os nomes dos 72 Elohim da Kabbalah. Vamos ver alguns exemplos desse problema, usando as pronúncias de autores consagrados: Bardon, Lenain, Agrippa e Abulafia (sendo Bardon o mais moderno e Abulafia o mais antigo). Vamos começar com o 17º Elohim.

17º Gênio: 

Bardon	Lenain	Agrippa	Abulafia
LAUOIAH	LAUVIAH	LEAVJAH	LAAVA (YAH)

Se agora repetimos este procedimento para o Elohim número 24:

24° Gênio: 

Bardon	Lenain	Agrippa	Abulafia
HAHUIAH	HAHIUIAH	HAHVIAH	KHEHEVA (YAH)

Como podemos ver, as pronúncias mudam muito de autor para autor. Se fôssemos usá-las neste livro, deveríamos escolher uma delas como correta, descartando as outras. Ou usar todas, o que complicaria muito a situação. Por isso aqui escolhi trabalhar com o Pathworking. O único momento em que usaremos a pronúncia dos nomes será no final de um determinado Pathworking e, nesses casos, o nome pode ser pronunciado brevemente em voz alta ou só mentalizado.

Observação: Um caso especial é a pronúncia da letra Chet (ך). Geralmente ela é feita como se fosse um “R” em português, mas com um som mais forte. A forma mais fácil de pronunciá-la seria como se começássemos a pronunciar a letra “K” e terminássemos na letra “R”. Para todos os fins práticos, neste livro a representei com “KH”.